Ano 29.º — Sábado, 15 de Agosto de 1936 — N.º 1436

O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Os ideais da liberdade

=o=

Num banquete que lhe ofereceram em França, na Associação França--Grã-Bretanha, o ministro da Guerra inglês, mr. Duff Cooper, falou da amisade franco-inglêsa que é imposta pelas necessidades vitais dos dois países e não por quaisquer considerações de ordem sentimental. E o ministro da Guerra inglês foi mais longe ainda, afirmando que as duas nações tinham que defender os seus ideais comuns de Liberdade contra os ataques que de toda a parte lhes são dirigidos.

É preciso vêr que a Inglaterra, muito mais do que a França, é o verdadeiro bêrço do liberalismo. Êste não é na Grã-Bretanha um artigo de importação. Ao contrário: os escritores francêses que influiram na mudança de instituïções políticas na França nos fins do século XVIII, basearam-se quási todos nas instituïções sociais britânicas já então existentes. Mas, mais ainda do que isto, nenhum país como a Inglaterra soube ser liberal, nenhum como a Grã-Bretanha tirou do liberalismo maior proveito. Na verdade é com o liberalismo que a Inglaterra se torna o país mais poderoso do mundo. Na Inglaterra, o liberalismo é um fruto natural e espontâneo, precisamente o contrário do que sucede nos países latinos onde o sistema se tem revelado inadaptável.

Com efeito, na Grã-Bretanha a evolução do sistema liberal não feriu nem chocou as instituïções naturais—nem a família, nem as autarquias locais, nem os costumes morais, nem a religião, nem o Rei, até, sofreram com o sistema. A noção de responsabilidade individual, o princípio da autoridade, o interêsse colectivo fôram sempre dentro do liberalismo inglês cultivados e acarinhados. Nos países latinos, ao invés, o liberalismo significa, antes de tudo, o ataque a todas as instituïções naturais, a todos os grandes princípios morais e, particularmente, a actuação dos partidos sobrepõe os seus interêsses de grupo aos interêsses superiores da Nação.

A Inglaterra será certamente o último país a saír dos métodos liberais, mas terá de saír dêles pela fôrça imperiosa das circunstâncias, o que aliás já está praticando no terreno puramente económico. Esta transformação do sistema político na Inglaterra far-se-há de fórma diferente do que se viu na Itália, na Alemanha e em Portugal, por uma evolução lenta, por uma aceitação voluntária indicada pelas circunstâncias, como está nas tradições inglêsas, no seu espírito prático e compreensível das necessidades.

Por isso mesmo a Inglaterra não poderá comparceirar com a França, não poderá sustar a queda do liberalismo em Paris e muito menos confiar em que o liberalismo francês, já no estado agónico, sirva de muleta ao liberalismo britânico muito mais vigoroso.

As palavras do ministro da Guerra inglês não tiveram outro fim que procurar o apoio da França, apoio militar, bem entendido, no actual momento político internacional, tão entenebrecido pelas ameaças de guerra, e pelo perigo duma aproximação entre a Itália e a Alemanha, que constituiria um bloco invencível de cem milhões de homens disciplinados e aptos a cumprirem todas as ordens superiores,

Apêlo inútil. Precisamente a França e a Inglaterra acabam de ser batidas pela Alemanha e pela Itália, uma no Reno e outra na Etiópia. Estas duas vitórias se devem nitidamente à fraqueza do sistema liberal. Não; a França e a Inglaterra, desunidas pelas suas lutas intestinas, não poderão triunfar dos países fortes. Para vencer é preciso que abandonem os falsos ideais de liberdade que as enfraquece.

J. S.

Efemérides

15 de Agosto

1534—Loyola e mais seis companheiros, numa capela subterrânea da igreja de Montmartre, em Paris, fazem voto de pobresa e caridade e juram formar o exército de Cristo.

1853—Nasce em Lisboa Luís Filipe da Mata, incansável apóstolo da instrução popular, que muito se salientou na propaganda republicana.

1909—E' assassinado o escritor brasileiro Euclides da Cunha.

Uma pulga

=x=

Na montra do nosso amigo António Ferreira, aos Arcos, tem estado exposta uma pulga vulgar do homem (fêmea) que o sr. dr. Jaime de Melo Freitas ampliou pelo processo da fotomicrografia a 37,5 diâmetros e cujo trabalho se revela aos olhos de tôda a gente por ser curiosíssimo.

O sr. dr. Melo Freitas é um antigo amador de fotografia e de aí não ser de admirar mais esta prova demonstrativa da sua habilidade nunca desmentida e também dos seus conhecimentos artísticos.

Aljubarrota

—o—

Efectuou-se ontem uma romagem a Aljubarrota e ao mosteiro da Batalha para comemorar a gloriosima vitoria das armas portuguesas em que ficou assinalada, há 551, a independencia da nossa Pátria. Teve a dar-lhe fóros de nacional a presença do Chefe do Estado e do Govêrno, tomando nela parte também as Câmaras do país com os respectivos estandartes, União Nacional e avultadissimo número de entidades oficiais, além do povo.

No masgestoso monumento de Santa Maria, que evoca a heroicidade de Nun'Alvares Pereira, do Mestre de Aviz e das hostes aguerridas desses inolvidáveis portugueses de antanho, foi cantado um solêne Te-Deum e em discursos patrióticos, cheios de fé nos nossos destinos, erguido, à maior altura, o nome português.

Salazar continúa a ser um grande chefe, visto a êle se dever a comemoração de 14 de Agosto.

Visitai o Parque

Homenagem oportuna

Em 29 de Janeiro de 1933 foi o ilustre aveirense de nome Lourenço Simões Peixinho, médico, presidente da Câmara Municipal e provedor da Santa Casa da Misericórdia entusiàsticamente aclamado num almoço que a cidade lhe ofereceu e durante o qual mais de 300 convivas lhe testemunharam, pessoalmente, o seu aprêço e muitas outras pessoas de fóra o felicitaram por ter, nêsse dia, recebido a comenda da Ordem Militar de Cristo, que premeia os que trabalham pelo bem comum.

Lembra-nos, temos ainda presente, tudo quanto se passou nêsse memorável domingo de inverno.

Houve brindes. E da bôca do dr. Vieira Gamelas ouvimos isto:

«É necessário que todos nós, aveirenses, não abandonemos nunca quem tem sacrificado todo o seu bem-estar, a sua vida pàrticular e o seu comodismo, à obra colossal que vem realisando há quinze anos consecutivos e que é o seu e o nosso maior orgulho.

É necessário que todos nós, aveirenses, cerrêmos fileiras, formêmos um blóco bem forte, uma muralha inexpugnável em volta do dr. Lourenço Peixinho, dêste homem que tanto tem velado e combatido pelo progresso material da nossa terra, a qual, por vezes, valha a verdade, tão mal tem sabido corresponder ao seu esforço hercúleo, à sua inquebrantável tenacidade e persistência inconfundíveis.

É extraordinário que o dr. Lourenço Peixinho, durante êstes quinze anos, tendo assistido aos períodos mais agitados e tumultuosos da vida política do país, arrostando com malquerenças, invejas, injustiças, calúnias, insídias— sei lá!—com tantas e tão heterogéneas correntes de opinião, não tenha perdido a fé, sempre inquebrantável e sempre viva de continuar a sua obra!»

E a concluír:

«Sejâmos gratos. A gratidão é um sentimento inerente a todo o ser justo e leal. Não esqueçâmos jàmais que o dr. Lourenço Peixinho, hoje galardoado, como recompensa dos seus méritos, com a Comenda de Cristo por vontade de S. Ex.ª o sr. Presidente da República é o prototipo do bairrista fervoroso e é o aveirense mais arreigado à sua terra pelo que tem jús a que seja considerado por todos nós como um dos seus filhos mais ilustres.

Para terminar e no desejo de perpetuar esta data gloriosa para o dr. Lourenço Peixinho seja-me lícito apresentar a seguinte sugestão ou proposta:

Que na primeira sessão da Câmara Municipal de Aveiro e por vontade unânime e expressa dos Ex.mos vereadores seja, por aclamação, resolvido perpetuar o nome do seu ilustre presidente, dando à Avenida que êle abriu o nome de Dr. Lourenço Peixinho como preito de homenagem às suas qualidades de aveirense como os que o sabem ser.»

São decorridos já três anos e meio depois do que isto se passou. A nova Avenida, que o dr. Lourenço Peixinho abriu, tem hoje a realçá-la uma iluminação sem igual em parte alguma, devendo-se ainda a êle êsse importantíssimo melhoramento.

Aveirenses: sejâmos gratos para quem tanto há feito pela nossa terra!

Sabemos que o nosso por muitos títulos ilustre conterrâneo se opõe, na Câmara, à homenagem que lhe é devida. E justifica-se: o dr. Lourenço Peixinho não tem pretensões, não é vaidoso, caracteriza-se, até, por uma excessiva modéstia. Pois bem: habituemo--nos todos, por gratidão, e enquanto, oficialmente, não tenha êsse nome, a chamarmos á avenida central — *Avenida Dr. Lourenço Peixinho*.

Nós é o que faremos. Este jornal dará o exemplo. E na altura própria irá mais longe com a certeza prèviamente concebida de que poucos aveirenses lhe recusarão o seu apoio.

Praça da República

=o=

A Câmara resolveu substituir no largo onde se ergue a estátua de José Estêvão os candieiros que, numa hora infeliz, ali mandou colocar, há anos, com o nosso protesto.

Não deixarêmos de lhe dirigir os encómios que merece, na devida altura. E de lhe fazer vêr a razão que assiste ao *Democrata* quando faz reparos.

Postos de ensino

Os exames para regentes dos postos de ensino, que deviam principiar na próxima segunda-feira, ficaram transferidos para 24 do corrente.

Aviso aos interessados.

Bombeiros em festa

Promovido pela Companhia Voluntária de S. P. Guilherme G. Fernandes, realiza-se esta noite, no Jardim Público e Parque, um festival em que tomam parte a banda daquela associação, que dará um concêrto, e o Rancho Infantil da Vera-Cruz, que, pela segunda vez, se apresenta aos aveirenses.

Será queimado vistoso fogo de artifício—do ar, prêso e aquático—confeccionado pelo pirotécnico Libório Joaquim Fernandes, de Lanhelas (Minho) e haverá também descantes populares no *ring* de patinagem.

Àmanhã realiza-se uma sessão solene na Associação Comercial, batismo do novo pronto-socorro daquela Companhia, simulacro de incêndio no edifício da *Pastelaria Central* e novo concêrto musical no Largo do Rossio.

Oxalá o programa seja cumprido à risca e o tempo se apresente de feição.

De regresso

Em companhia do seu particular amigo, sr. António Madaíl, com quem acaba de fazer uma excelente e proveitosa digressão pela Bélgica e França, visitando os principais centros dêsses dois países, chegou na segunda-feira a Aveiro o director dêste jornal.

Em virtude dos acontecimentos de Espanha, cuja travessia, de automóvel, lhes foi vedada, tiveram de ir tomar ao Havre o vapor *Lipari*, que faz carreira para o Brasil e Argentina, e no qual embarcaram no dia 3, à noite, para Lisboa, deixando, portanto, a viagem, que tencionavam fazer toda por terra, a meio.

Mas como largos dias teem cem anos, é natural que noutra ocasião a concluam sem o perigo que agora os obrigou a torcer caminho.

Passeio velocipédico

Organizado pela *Sociedade Recreio Artistico* realiza-se àmanhã um passeio à Ponte da Rata, sendo a partida da séde daquela agremiação pelas 14,30 horas.

Há grande entusiasmo por esta visita às margens do Vouga em que estão empenhados os mais ousados ciclistas, alguns dos quais considerados verdadeiros *azes do pedal*...

Oxalá não se registem acidentes.

Vida militar

—o—

Já se encontra nesta cidade, tendo assumido o comando de Infantaria 19, o sr. coronel Manuel Crêspo Júnior, que havia sido promovido àquele pôsto e aqui colocado.

Cumprimentamo-lo.

Por terras longínquas

Impressões de viagem escritas à pressa

Spa, 24 de Julho

Que é isto? Por onde ando eu? Para onde me trouxe o António Madail na ânsia de me dar a conhecer novos horisontes, embora sob o mesmo céu desta encantadora Belgica?

De manhã saímos de Bruxelas e viemos a Louvain, outra cidade atraente pelo aspecto dos seus edifícios, pela grandiosidade dos seus monumentos, pela limpeza das suas avenidas e pelo encanto das suas mulheres. Depois passamos, em Tirlemont, também cidade cheia de côr e de luz, com o seu casario de tijolo a dar-lhe um aspecto alegre e fóra do comum. Logo a seguir, ou seja após alguns quilómetros, Saint-Trond, inegàvelmente bela como tôdas as outras e Liége, a mártir da guerra, mas um autentico *bijou*.

Aqui visitamos demoradamente o Forte de Loncin, teatro da grande conflagração, em cuja entrada se ergue um monumento aos que se bateram pela Pátria e se vê um pequeno jardim com esta legenda:

Deixai as flôres aos heróis mortos por nós.

Subindo a encosta—as ruinas, que nos fazem estremecer, e sob os seus escombros quantas centenas de soldados? Muitas. Descobrimonos. E descobertos fomos passar a uma cripta onde se acham sepultados 43 cadávares, tendo no cimo a seguinte inscrição:

Este lugar é sagrado. O maior respeito se impõe.

Não faltamos à verdade dizendo que não foi sem emoção que percorremos o lugubre recinto, êsse espaço de terreno agora transformado em campo de recordações tristes pelo qual os belgas mostram ter o mais fervoroso culto.

Spa, outra cidade, que fôra escolhida para jantarmos e pernoitarmos, (somos hospedes do *Hotel de Portugal*, nome que orgulhosamente vêmos numa grande tabolêta) é uma estância de águas, hoje cheia de estranjeiros que a enchem de vida e animação, contribuindo, assim, para o seu contínuo engrandecimento, pois deixam por estes sítios, também, bastante dinheiro.

Tôdas as casas, ainda as mais modestas, ostentam, nas janelas, plantas floridas, muitas teem pequenos jardins à frente e os palácios, êsses, dão um tom de tal grandeza à terra que a podemos colocar ao lado das primeiras cidades da Belgica. Depois a Natureza deu-lhe as Ardennes como apoio e essa circunstância contribue imenso para que, de ano para ano, aumente o número dos seus frequentadores devido à propaganda turística e de quantos précisam fazer uso das águas.

Uma particularidade: as senhoras, aqui, usam bengala com que sobem aos montes para gosarem a fresquidão do arvoredo copado ou se recrearem, olhando, do alto, os pitorescos panoramas que de lá se disfrutam.

E pronto. São 22 horas e quero, antes de recolher, de vez, ao quarto, ir ao Casino, ao Parque, enfim: dar uma volta noturna, que complete as agradáveis impressões que todos os dias recolho dos sítios por onde passo.

Dinant, 25 de Julho

Percorridos 220 quilómetros desde Spa, cheguei a Dinant esta tarde, não deixando ainda as Ardennes, essas montanhas de ilimitada extensão que parece não terem fim.

António Madail, ao volante, já conhecedor do terreno, vai fazendo descripções pelo caminho, onde a cada momento surgem cafés, restaurantes, hoteis e as casas, tôdas de aspecto exterior variado, se sucedem floridas como prova da cultura belga, que póde ser igualada, mas nunca excedida. Só queria que vissem o que isto é. Ninguém descalço, absoluta ausencia de mendigos e nas mais pequenas aldeias um ambiente de conforto que é impossivel encontrar aí com que o possa comparar. Basta dizer que não ha janelas sem cortinas, algumas esplêndidas; que os lindos *rideaux* abundam e que as brises acabam de assegurar o bom gôsto da gente do campo.

Acreditem: a travessia das Ardennes é outra maravilha da Bélgica pelas surpresas que estão sempre a surgir e pela grandiosidade de tão inegualável conjunto.

Mas vamos adiante. Deixando Spa e antes de atingirmos Dinant, visitámos a Barrage de la Gileppe, com o seu lago e a sua ponte, onde o leão, rei dos animais, tem um monumento; Eupen, a Barraca Michel—ponto mais alto da Bélgica; Malmédy, Stavelot, Coo e a sua cascata; Remonchamps, Huy, que é atravessada pelo rio Meuse e onde almoçámos junto do escritório oficial de turismo, vendo, portanto, de perto, como a respectiva Comissão áge em presença dos anúncios espalhados para aluguer de barcos de recreio; Namour e por último esta cidadesinha com nome na história contemporânea devido a ser, logo no princípio da guerra, a primeira a sofrer os seus horrores. Assim que chegámos, fômos logo à cidadela vêr as minas dos fortes, o cemitério e as memórias existentes.

Tudo alí se guarda com uma unção de respeito que ninguém ousa alterar.

Deram-se lá cênas tão horrorosas!

Morreu lá tanta gente!

Ao lado do cemitério ergue-se um monumento que é uma riqueza de concepção. Mas cá em baixo, em frente ao município, existe outro, que não lhe fica atraz. Nêste lêem-se as quatro legendas seguintes:

Aos 674 mártires dinantezes vitimas inocentes da barbaria alemã.

Aos soldados dinantezes caídos no campo da honra.

Aos deportados dinantezes mortos pela Pátria.

Aos soldados francêses mortos nos combates de 15 e 27 de Agosto de 1914.

Um pormenor que me ia esquecendo, a-pezar-da sua importância: os alemães incendiaram Dinant, ardendo, só duma vez, 1.200 prédios! Mas Dinant reconstituiu-se e é hoje uma cidade turística das

"Tricaninhas da Mocidade,,

—o—

Este rancho da nossa terra, há pouco reorganizado e que continúa a ser dirigido e ensaiado por Firmino Costa, parte àmanhã de madrugada para Ponte de Sôr onde, a convite da sr.ª dr.ª D. Jovita de Carvalho, como temos dito, vai tomar parte num festival de beneficência.

Anguramos-lhe novos triunfos.

Espanha sangrenta

=o=

Os nossos visinhos continuam a matar-se uns aos outros, arrepiando tão horrorosa carnificina.

A guerra civil é assim. O estravasamento de ódios só traz consequências funestas, lamentáveis.

Temos pena da Espanha.

mais importantes. Pelo meio também passa o Meuse. Nêle navegam pequeninos barcos a rêmos e gasolinas, que se encontram nas suas margens para alugar, e uma ponte elegante liga, na parte central, como acontece em Aveiro, os dois extremos.

A janela do meu quarto dá para o rio e por isso dela disfruto o soberbo aspecto noturno que êle apresenta iluminado.

Também queria que vissem...

A'manhã de manhã partimos a vêr as Grutas de Han e depois contamos atravessar a fronteira francêsa para irmos ficar a Reims.

Formidável, tudo isto, principalmente pelos seus encantos!

Reims, 26 de Julho

As Grutas de Han!

Não podia fechar melhor a minha visita à Bélgica, que hoje terminou e de cujo país trago as melhores recordações e — porque não dizê-lo? — até saüdades.

Sim; trago saüdades da Bélgica pelo que vi e pelo que observei. Aquilo é um perfeito jardim. As plantas e as flôres são ali cultivadas com carinho. Não há casa nenhuma, por mais modesta que seja, onde elas se não vejam. No interior e no exterior. Constatei-o. Para isso percorri também os bairros excêntricos de Bruxelas e em todas as outras localidades onde estive, e que fôram muitas, o mesmo vi. Ora as flôres imprimem carácter e por essa circunstância, se outros motivos não existissem, concluo que o povo belga deve marcar, na Europa civilisada, lugar de destaque.

Mas vamos às Grutas de Han, a essa curiosidade, única no mundo, onde a Natureza assinalou, por fórma estranha, os seus caprichos.

Não têm comparação com quaisquer outras, pequenas ou grandes. Desde que nelas se penetra começam logo a aparecer coisas fenomenais.

A' entrada, uma árvore com oito séculos de existência, segundo os geólogos! E durante duas horas, que é o tempo que se leva a fazer a travessia, subindo e descendo, quantas outras coisas se nos deparam verdadeiramente fantásticas!

Chega a haver salas lá dentro! A dos Scarabées, a Vigneron, a do Precipício, a dos Mamelons, a dos Draperies, por exemplo, deixaram-nos boquiabertos. E também um rio lá passa — o Lesse — que leva um dia a chegar dum extremo ao outro, que nos aparece de vez enquando, e pelo qual se sai embarcado de tão estranho como monumental buraco!

E para completar a obra, mais isto: destinado ao descanso dos visitantes, a meio, um grande café com música e o sorriso das raparigas que o servem!...

Amigos: é impossível, com minúcia, descrever o que são as Grutas de Han. Só visto. O turismo cai ali em massa. Os comboios e os eléctricos chegam sempre cheios. Os autocars e carros ligeiros juntam-se às centenas. Razão tenho, pois, para me sentir feliz e manifestar ao António Madail a minha eterna gratidão por me proporcionar mais êste prazer espiritual—talvez dos maiores que tenho sentido na minha vida.

Reims, onde chegámos no meio da tarde, é uma cidade grande da França, mas, com franqueza, não se compara com as de igual categoria da Bélgica.

Sofri uma grande decepção.

O que tem de melhor é a fachada da Catedral. Percorremos já todo o centro e por aí avaliâmos o resto, que, todavia, àmanhã iremos vêr antes de partir para Paris.

O tempo tem corrido de feição por o calor não apertar. Se assim fôr até ao termo da viagem...

Mas calculâmos que não. Dizem os jornais que na Espanha anda tudo abrasado... E como temos de a atravessar, aí, então, é que vão ser elas...

A mencs que nessa altura o bom senso se haja manifestado.

NOTA—As últimas cartas vieram cheias de êrros. Era de esperar. Escritas ao correr da pena, com uma caligrafia péssima, ainda muito fizeram os tipógrafos e a revisão. Desculpem-nos.

A. R.

BANHO FATAL

—o—

Quando no domingo tomava banho nas margens do Vouga, em Cacia, foi acometido de uma congestão que lhe causou a morte, o empregado comercial Francisco dos Santos Silva, que, segundo nos informam, antes de se atirar à água já se sentia mal disposto.

O desditoso moço contava 22 anos, e era filho de Francisco da Silva, mais conhecido pelo *Pitonga*.

Estava empregado na casa de modas do sr. Pompeu da Costa Pereira e o seu cadáver veio para a igreja da Misericórdia, de onde, no dia seguinte, saíu o funeral para o cemitério novo com largo acompanhamento.

A triste ocorrência causou, na cidade, profunda consternação.

Um retrato...

—o—

Da secção *Ecos e Comentários* e subordinado ao título *Mentiras e mentirosos*, respigamos do *Diário de Coimbra* o seguinte:

Ha mentiras inocentes, salvadoras, que não ofendem seja quem fôr, e que até Deus perdoa.

Mas ha as tambem insidiosas, velhacas, sem razão de ser, injustas, malsinantes, asquerosas.

As primeiras, por não sei quê, simpáticas, pode proferi-las até um justo na ansia nobre de salvar o seu semelhante ou quem quer que tente desculpar um pecadilho, sem que dai advenha mal ao mundo ou seja prejudicado ninguem.

As segundas, são vis e devem envergonhar os homens que se dizem cultos e civilisados.

Aquele que as profere para deprimir quem nunca lhe fez mal, para manchar uma reputação por sadismo, para exercer uma réles vingança, para atacar cobardemente um inimigo, êsse semelhantemente a uma vibora daninha, êsse semelhantemente a um bandido que, ao dobrar de uma esquina, ataca traiçoeiramente um cidadão descuidado e pacifico para lhe cravar uma navalha nas costas, êsse, é, além de perigoso, um sêr que só causa repulsa e ao qual o Homem bom, juiz do Homem-mau, pode, com justiça, classificar, além de mentiroso, de... canalha.

E' o caso:

O MENTIROSO, a que, por vezes, não falta inteligência, é um patife que merecia ser marcado com um ferro em brasa em certo sitio, como dantes faziam as justiças a certos e categorisados malandrins. Mas, para quê, se todos o conhecem?!...

Se todos se afastam com nojo, deixando-o na estrada da vida a saborear, na sua asquerosidade, o prazer da sua peçonha que, afinal, não atinge por designios da sorte ou protecção de estranho poder, os homens que seguem, intemeratos, um recto caminho, absolutamente alheios á fealdade do reptil.

Conhéce-lo, leitor amigo? Deve ser *êle*, visto não haver outro com êstes predicados. E' de Aveiro, infelizmente. Foi abatido às fileiras do Exército por **incapacidade moral** e tem pela gente desta terra o mais profundo desprezo!!!

Este é um dos retratos fieis; porque ao outro, que nos dizem ser pintado a óleo, faltam as armas da sua predilecção...

Necrologia

Deixou de existir, ante-ontem, a sr.ª Maria da Conceição de Jesus Páscoa, de 67 anos, casada com o sr. José Ferreira Patacão.

Foi sepultada no cemitério novo.

Livros

«MARIA PEREGRINA»

O sr. dr. Adolfo Faria de Castro, professor do nosso liceu, acaba de publicar um livrinho muito interessante, na verdade, sôbre Maria Peregrina de Sousa, portuense que, em pleno século XIX, brilhou nas letras pátrias.

Maria Peregrina, que foi publicado na *Portvcale*, sai agora em separata. Num mínimo de páginas, o sr. dr. Faria de Castro consegue dar-nos, muito bem recortado, o perfil da ilustre mulher de letras, hoje imperdoavelmente esquecida.

Oxalá que estas páginas do autor das *Impressões de Arte* consigam atraír a atenção de muitos para a figura literária de Maria Peregrina, que bem merece ser lembrada com carinho por todos quantos se interessam pelas letras nacionais.

Do opusculo apenas não gostámos dêste período: «São versos duma poetisa que pouca gente conhece e que pontificou acima da craveira vulgar a que hoje estamos habituados na literatura feminina».

Façâmos justiça a Maria Peregrina. Mas não esqueçâmos, que não há necessidade disso, uma Branca de Gonta, uma Florbela, uma Virginia de Castro e Almeida, uma Virginia Vitorino, uma Tereza Leitão de Barros, que vem mencionada na separata, uma Ludovina Frias de Matos, etc, etc, que valem hoje e valerão àmanhã.

O resto é possidonismo.

Ao sr. dr. Faria de Castro obrigados pela oferta.

Formatura

Na Universidade de Lisboa concluiu a sua formatura em medicina veterinária o nosso conterrâneo dr. Manuel Eduardo de Figueiredo Oliveiros, filho do sr. capitão Manuel de Figueiredo Oliveiros e afilhado do sr. tenente Acácio Lopes.

Felicitando-o, desejamos-lhe que na vida pratica os seus triunfos se assinalem como na vida académica.

Dr. António Leitão

Anda ainda em digressão pelo estranjeiro, acompanhado da sua dedicada espôsa, êste nosso presadissimo amigo e conterrâneo, que, pelos postais e cartas recebidos de diferentes pontos, avaliamos quanto tem gosado desde a sua saida de Lisboa, onde reside.

E' natural, pois nisso nos empenhamos, que o *Democrata* venha a publicar uma série de artigos do distinto médico, logo após o seu regresso, que oxalá efectue com tôda a felicidade.

"Ao cantar do Galo"

A Imprensa de fóra de Aveiro continúa a tecer os mais rasgados elogios à famosa revista

Do *Noticias de Viana*, de Viana do Castelo:

Quando uma plateia inteira se mantem teimosa e satisfeita até às 3 da madrugada a reclamar a repetição de quási todos os quadros de uma revista, aplaudindo-os com agrado manifesto; quando a revista se repete em dois espectáculos sucessivos perante assistências extraordinárias, *récords*; quando as palmas reboam pela sala com uma retumbância e um fernesi inusitados, dados por mãos que acusam — e não sem razão — de frias e mal agradecidas; quando tudo isso sucede, num impulso de sublime sinceridade, francamente: a apreciação à obra representada está feita.

Sera, no entanto, indelicadeza—e criminosa — recusar a expansão das impressões *Ao cantar do Galo*, representada por distintos amadores aveirenses que juraram, famos garantir, continuar as tradições brilhantíssimas da plêide de *tricanas* e *galitos* que desde 1909 nos assombra com sua arte que reputamos mais um dom de Deus que uma virtude adquirida no aproveitamento da sua inteligência e do seu gôsto por tudo quanto há de belo nas várias manifestações artísticas e estéticas.

Posta em cêna em requintes de gôsto apurado, em uma diversidade de cenários todos muito felizes e guarda-roupa luxuoso, que são outros tantos motivos de insofismável agrado, a revista *Ao cantar do Galo* constitui, principalmente, um espectáculo de *féerie* que a música, harmoniosa, saltitante ou embaladoura, realça mais ainda.

Não neguemos, também, à graciosa coreografia da peça o lugar a que tem jus, principalmente pelo sal e pimenta com que a salpicaram os lindos palminhos de cara que a composeram e interpretaram.

Desde os recuados tempos da *Alma de Dios*, dos *20.000 dollars* e a seguir, da *Caldeirada*, que nos habituamos a acreditar piamente e firmemente na «*queda*» teatral dos rapazes e raparigas de Aveiro. Se desta vez nenhum elemento feminino açambarcou previlégios de «estrêla», o certo é que muito apreciamos o equilíbrio do desempenho e da gracilidade dos mesmos elementos femininos que ombrearam com encargos mais sérios. Lourdes Teles, Carolina Lemos, Maria da Apresentação Lima, Maria Augusta Amaral, Maria José Couceiro, Maria Avia Ferreira, Deolinda Borrêgo e tôdas as mais, encheram de luz a ribalta solene do Sá de Miranda e impuseram fàculdades cr̀edoras do sempiterno aprêço que devotamos à arte impressionante e ao encanto também impressionante das tricanas de Aveiro. Já para o elenco masculino sentimos o dever imperioso de distinguir *artistas*, José Vieira, magnífico de sobriedade; Sebastião Amaral, artista na mais pura expressão da palavra; Nuno Meireles, senhor de uma voz excelente, apreciadíssima, Mário Teles e Firmino Costa, rabolistas conscienciosos, ganharam a vanguarda, em pelotão, pôsto que o resto da coluna os persiga de bem perto, encorajada pela mesmá vontade e entusiasmo.

Números mais aplaudidos? Nenhum, O público a todos ovacionou por igual. Todavia, não andaremos longe da verdade se pusermos em destaque *Espumantes*, *Modernistas*, *Malmequeres*, *Salineiras* e *Marnotos*, os típicos *Higienistas*, *Mulheres das Camarinhas* e *Ovos Moles*.

A apoteose final, consagração ao esfôrço dos marcantes de Aveiro, e *Aveiro à noite*, pelo seu sentido social, igualmente merecem um lugar da 1.ª fila.

E muito nos caberia dizer de uma revista que, nem por ser local, não deixou de arrebatar a plateia vianense de ordinário tão fria e indiferente.

Se houver quem considere suspeitas estas referências pelo muito que admiramos Aveiro, acreditem sôbre a palavra de honra, que procuramos, apenas, expandir uma opinião meramente particular e, de qualquer maneira, absolutamente livre.

A. C.

O *Ecos de Cacia*, sob o título *Imbecis e maus*, diz:

Só na sua quinta representação no Teatro Aveirense nos foi dado poder assistir à revista-fantasia *Ao cantar do Galo*, que o *Grupo Cénico do Club dos Galitos* pôs em cêna com grande brilho.

Não é intenção nossa, ao tracejar estas linhas, fazer a crítica do espectáculo a que tivemos o prazer espiritual de assistir no passado dia 21. Tal missão não nos pertence, mas sim a outros de maior saber e competência. Nêste breve rascunho apenas é nosso desejo fazer breve referência ao ambiente criado por certos cretinos de crítica fácil à volta daquela revista e do Grupo Cénico que a levou à cêna.

Não faltou, com efeito — e o contrário muito seria de pasmar...— quem, por espírito derrotista, pretendesse diminuir aos olhos dos outros o valor da peça e do trabalho daquêle Grupo. Felizmente, porém, que êsses imbecis que tudo pretendem derrubar, num desprezo total pelo esfôrço alheio, são em número diminuto. Mas no entanto, número suficiente para criar certa reserva no espírito do espectador menos prevenido, levando-o muitas vezes a realçar na sua imaginação as pequenas falhas que a obra tem em detrimento das grandes virtudes que a impõem ao critério das pessoas sensatas.

A revista *Ao cantar do Galo* apresenta defeitos?

Quem haverá que o negue?

Mas serão tais defeitos motivo forte e assás justo para condenar em absoluto o espectáculo, até à afirmação de que apenas ali tem valor a riqueza do guarda-roupa, a perfeição dos cenários... e as carinhas das pequenas que nêle tomam parte?... Só por espírito de mal dizer tal se póde afirmar.

Não, despreziveis tratantes; o *Grupo Cénico do Club dos Galitos*, confirmando velhas tradições, apresentou obra que muito honra não só aquêle grupo mas ainda a cidade a que pertence e que, por tal motivo e sem reservas, todo o aveirense deve louvar e aplaudir.

Onde há aí terra do país que se possa orgulhar da apresentação de um espectáculo com tal magnificência e com um conjunto artístico, observada a peça em todos os seus sectores, tal como *Ao cantar do Galo*?

Sim, respondei, cretinos que de tudo dizeis mal, só pelo prazer doentio de—Bota-abaixo!

Que *Ao cantar do Galo* tem defeitos! Sim, tem. Mas que valor se póde dar de bôa fé a tais defeitos, analisada a obra no seu conjunto, e só no seu conjunto ela interessa como espectáculo?

Corja de imbecis!

ÉSSE TORRES

«Salazar, o autor do maravilhoso ressurgimento português, é — queiram ou não os seus detractores, a-pesar-dos que fingem ignorá-lo — uma grande figura internacional, dessas cujo prestígio ultrapassa o âmbito do seu país e é motivo de controvérsia apaixonada em mais dum Continente. Podemos concordar ou divergir dos seus postulados políticos; admitir ou reprovar as suas normas e a sua táctica; aceitar ou discutir o seu conceito pessoal do Estado Novo; porém, o que não podemos negar, é o êxito deslumbrante da sua obra, o magnífico resultado do seu trabalho inteligente, a que temos de render, sem remédio, sem pruridos, um tributo de admiração.»

(Do *A B C*, importante jornal madrileno)

Album das Caldas

Muito bem colaborado, muito bem apresentado, acaba de nos chegar às mãos um número único, *Album das Caldas*, destinado a «bem servir a causa do progresso das Caldas».

Da destribuição gratuita, a publicação em referencia deve prestar à cidade, onde se ergue um monumento à rainha D. Leonor, óptimos serviços.

Enquanto as Caldas da Rainha e outras terras fazem uma intensa propaganda das suas belezas e virtudes, Aveiro não procura lembrar aos estranhos que é uma das belas cidades de Portugal.

Ao sr. José Fernandes dos Santos, que editou êste album, agradecemos o exemplar oferecido a esta Redacção.

A 2.ª vitória!...

—o—

Pois é verdade: *o das capoeiras* marca já, a-pezar-da sua relativamente curta existência, nada menos de duas vitórias jornalísticas! A primeira, foi, como se sabe, o Salva-vidas Almirante Afreixo com que o Govêrno dotou Aveiro logo após ter aparecido no ógão dos *vigilantes* uma reclamação nêsse sentido; a segunda diz respeito à iluminação da Avenida, que a Câmara da presidência do sr. dr. Lourenço Peixinho acaba de inaugurar em atenção ao pedido do referido órgão, que lhe chama *melhoramento de tômo* (não é favor) constituindo, por isso, legítimo e natural orgulho para *o das capoeiras* a pressa com que a edilidade aveirense se dignou, também, a *seu pedido*, iluminar a Avenida.

Que riso, que riso que tudo isto causa!

Da primeira *vitória jornalística* falámos na devida oportunidade e, como somos avesso a repetições, passâmos, agora, adiante.

Quanto à segunda...

Vejâmos a seguinte notícia publicada nêste jornal em 24 de Agosto do ano passado:

Iluminação da Avenida Central

Sabemos que pelo engenheiro dos Serviços Municipalizados de Electricidade, sr. António Lopes Torrão, foi entregue à Câmara o projecto para a iluminação de tôda a Avenida Central, que dentro em brêve vai ser um facto em virtude das economias feitas pela gerência daquêles Serviços de há anos a esta parte.

A Câmara conta ainda com o auxílio do Estado e da Comissão de Iniciativa para a realização de tão útil melhoramento, com o qual muito nos congratulamos por ser uma das mais instantes e justificadas aspirações da cidade.

Clàramente se infere por aqui que muito antes de ter assentado arraiais em Aveiro o *vigilante das capoeiras de Cacia* já na Câmara a iluminação da Avenida era assunto resolvido, não sendo, portanto, verdade igualmente...

Mas o que estâmos nós a dizer? Para que tomar a sério o que tôda a gente sabe ser abjecta mentira?

As vitórias do *vigilante*!

Sempre nós temos, de vez enquando, de aturar cada asno!

Comando da Polícia

—o—

(Secção de Beneficencia)

MOVIMENTO DE JULHO

Receita

Saldo do mês anterior. .	206$25
Oferta de um anonimo .	400$00
» de Armando Vieira.	10$00
Receita dos subscritores.	1.552$00
Soma. . .	2.168$25

Despeza

Distribuido aos pobres. .	1.756$00
A um necessitado . . .	10$00
Soma. . .	1.766$00
Saldo para Agosto. . .	402$25

Assembleia da Barra

—o—

Com grande pompa e esplendor realisou-se na noite do último sábado a primeira festa da época a que deram o nome de *Baile das Hortências*, tendo tomado parte algumas famílias desta cidade e de fóra, que se encontram a veranear nas praias do Farol e Costa Nova.

Lindas *toilettes*, garridas e vaporosas, emolduravam verdadeiras estampas de mulher que ali vimos dansando com entusiasmo até à madrugada e dando uma nota de distinção a todo aquele conjunto, qual mimoso *bouquet* das mais odoríferas flores que a imaginação possa arquitectar.

Os promotores do *Baile das Hortências* devem sentir-se satisfeitos pela maneira como ele decorreu, agradecendo-lhes nós a gentileza do convite com que honraram *O Democrata*.

* * *

Para o dia 22 do corrente está marcada outra *soirée* a que a comissão organisadora vai pôr o nome de—*Uma noite na China*.

É sugestivo... E por isso não se deve estranhar que êste baile venha a atingir, como o primeiro, a mesma animação e brilho.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a menina Maria Urania de Melo Moreira, filha da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira; em 18, a sr.ª D. Maria Madalena F. da Fonseca, prendada filha do sr. António Ferreira da Fonseca e o sr. António Calheiros, gerente da Vacuum Oil Company *do Porto; em 19, o sr. dr. José Vieira Gamelas, considerado clínico; em 20, o sr. capitão João Abel Rebocho Vaz e a menina Carmen Aurélia de Melo Azevedo, filha do sr. Manuel Seabra de Azevedo, nosso dedicado assinante de Sá da Bandeira (Africa Ocidental) e em 21, o sr. Jeremias Vicente Ferreira e o filho Carlos, do sr. Luís Vicente Ferreira.*

Casamentos

Na igreja de S. Domingos teve lugar na manhã de segunda-feira o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria do Ceu da Silva Alves Correia, filha da sr.ª D. Alice Mendoça e Silva e do sr. Manuel Alves Correia, de Ovar, com o sr. Manuel Cancela de Amorim, tesoureiro judicial em Anadia.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria do Ceu da Silva Santos e seu marido o sr. Manuel Vitorino dos Santos, na companhia dos quais viveu, desde creança, e pelo noivo, sua irmã, a sr.ª dr.ª D. Augusta Cancela de Amorim e o sr. João Cancela.

Em casa do sr. Manuel Vitorino dos Santos foi servido, após a cerimonia, um fino copo de agua, findo o qual os nubentes partiram, em viagem de nupcias, para Lisboa, devendo, no regresso, fixarem residencia em Anadia.

—No Porto tambem na penultima quinta feira, se efectuou o casamento civil da sr.ª D Isabel Augusta de Melo Brito, neta do nosso velho amigo Alfredo Cesar de Brito, com o sr. engenheiro Jaime Antonio Martins.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, seus pais, sr.ª D. Lucia de Melo Brito e o sr. António Constantino de Brito, conceituado farmàceutico em Valadares, e pelo noivo a sr.ª D. Zulmira de Oliveira Melo e o sr. tenente Alfredo de Brito, residentes no Porto.

Em casa dos pais da noiva foi servido o habitual copo de agua, que deu lugar a brindes pelas venturas do ditoso par, que fixou residencia em Viana do Castelo e ao qual foram oferecidas numerosas prendas.

Aos novos lares desejâmos infindas venturas.

Praias e Termas

A fazer uso das águas encontra-se nas Caldas da Rainha, o nosso amigo sr. major José da Costa, que para aquela estância costuma ir todos os anos.

—Na Costa Nova veraneiam com suas familias os srs. Silvério Amador, da firma Testa & Amadores; Manuel Marta, dr. José Dias Ferreira, farmacêutico em Vagos; Aldobrando Leitão, residente em Coimbra e Manuel Amador da Cruz, estudante em Lisboa.

—Para Vidago seguiu esta semana o sr. Gonçalo Maria Pereira, 1.º sargento de Infantaria 19 e que há pouco terminou com aproveitamento o seu curso da Escola Central de Agueda.

—Também partiu para o Furadouro com sua esposa e filhos o sr. Luís Manuel Rodrigues e para a Barra o sr. dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado, com a respectiva familia.

Partidas e Chegadas

A passar o resto das férias seguiu para Viana do Castelo, com sua familia, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão.

—Também se encontra, com sua esposa e filhinha, a passar uma temporada em Oliveira de Frades o nosso amigo António José Nunes Rangel, activo negociante.

—Esta semana foi passar alguns dias à Régua (Trás-os-Montes) o nosso amigo João Evangelista Sarabando que deve regressar na próxima semana.

—De visita a sua tia, a sr.ª D. Rosalina Alves Fontes, esteve em Aveiro a gentil professora sr.ª D. Orlanda Fontes, residente em Leça da Palmeira.

—Veio residir de novo para esta cidade, com sua esposa, o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professor oficial em Esgueira.

Doentes

Continua retido na cama, não se tendo agravado o seu estado, o sr. coronel Gama Lobo, antigo comandante de Infantaria 19.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

Uma visita honrosa

O "Grupo 9 de Abril", do Pôrto, em Aveiro

Aveiro, tendo sido escolhida para a excursão anual organisada pelo *Grupo 9 de Abril*, do Porto, composto de antigos combatentes da Grande Guerra, recebeu, no domingo, a sua visita, visita honrosa, que serviu para estreitar num amplexo patriótico aqueles que na Africa e na Flandes se bateram heroicamente, erguendo o nome português.

Em comboio especial chegaram, pois, a esta cidade na manhã daquele dia, mais de quatrocentas pessoas, entre combatentes e famílias, que na *gare* da estação eram aguardadas pela *Banda José Estevão*, representantes da Agência da Liga de Aveiro e outras colectividades, algumas com os seus estandartes. Organisou-se o cortejo que veio pela Avenida dr. Lourenço Peixinho, Pontes, Praça Luiz Cipriano, Rua Coimbra e Praça da Rèpública, onde, na Câmara, fôram dadas as boas vidas aos excursionistas pelo seu presidente ladeado pelos srs. João José Trindade, tenente Gumerzindo da Silva, engenheiro Mateus de Lima, capitão Veiga e tenente Gonçalves, os dois últimos pertencentes à Liga local. O sr. dr. Lourenço Peixinho, referindo-se à visita, rendeu homenagem aos soldados de Portugal cujo patriotismo salientou, bem como o dos que tombaram na luta, morrendo pela Pátria.

A seguir o sr. dr. Querubim Guimarãis, advogado e deputado à Assembleia Nacional, ergue um hino a Portugal e presta uma homenagem sentida aos mutilados, referindo-se ao esquecimento a que teem sido votados por parte dos poderes públicos. Na mesma ordem de ideias e sempre enaltecendo os que deram o seu concurso à conflagração europeia, usaram igualmente da palavra os srs. tenente Manuel dos Santos, do Porto, que se bateu heroicamente nos campos da Flandres, e coronel Pereira, da Agência da Liga de Braga, que fecha a série dos discursos.

A comitiva dirigiu-se, depois, à Agência da Liga, instalada no Quartel de Infantaria 19, onde foi recebida pelo novo comandante do regimento, sr. coronel Crespo Júnior, a quem o sr. tenente Manuel dos Santos fez entrega dum tinteiro como recordação da visita, que é destinado à Agência. Aqui falaram aqueles dois oficiais e ainda o sr. capitão Veiga, que, como os dois primeiros, se referiu à vinda dos combatentes e à participação de Portugal no conflito europeu.

O cortejo, pondo-se, de novo, em marcha dirigiu-se ao monumento que perpetua a memória dos que se bateram ao lado dos aliados na Grande Guerra. Aqui falam os srs. coronel Pereira, tenente Manuel dos Santos e Capitão Veiga e ainda o sr. dr. Alfredo Peres, governador civil do distrito, que depõe primeiramente sôbre o padrão uma palma de flôres do *Grupo 9 de Abril*. E falando do valor do soldado, refere-se ao seu sacrifício e à memória dos que caíram no campo da honra, terminando por afirmar que é preciso que todos os portugueses se unam em tôrno da figura do venerando chefe do Estado para sêrmos eternos e para que Portugal possa viver os seus altos designios.

Um grupo infantil, que acompanhou a excursão, cantou junto ao Monumento e um dos seus componentes recitou versos patrióticos, que a assistência aplaudiu com entusiasmo.

Na mata de S. Jacinto foi, depois, oferecido à direcção do Grupo e à Imprensa, um almoço regional, a que também assistiu um representante de *O Democrata* e outros convidados, estando presentes os srs. drs. Alfredo Peres, dr. Lourenço Peixinho, dr. Querobim Guimarães, dr. António Peixinho, dr. Artur Cunha, tenente Gumersindo da Silva, etc.

Aos brindes usaram da palavra os srs. Governador Civil, coronel Pereira, tenente Manuel dos Santos, dr. Francisco Rendeiro, engenheiro Almeida Graça e o representante do *Comércio do Porto*.

O sr. tenente Manuel dos Santos em nome do grupo fez entrega ao sr. dr. Alfredo Peres, para suas filhas, de uma *corbeille* de flôres que bastante o sensibilizou.

O trajecto foi feito nas duas lanchas da Comissão de Iniciativa, impressionando a viagem pela ria agradàvelmente os nossos hospedes, que não se cansaram de admirar a paisagem maravilhosa, cheia de mil encantos, que ela nos oferece na presente época.

Os excursionistas regressaram à noite ao Porto, tendo alguns visitado a Costa Nova e Barra.

Doenças dos olhos

Durante as férias, num período que vai de *8 de Agosto a 10 de Outubro*, inclusivé, não se realizam no Hospital da Misericórdia desta cidade, as habituais consultas, aos sábados, pelos abalisados clínicos, drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, especialisados em doenças de olhos.

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 16 a 22 de Agosto

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Continúa a subida barométrica, iniciando, em 21, uma descida fortemente acentuada.

Datas de novos ciclones—Dia 21.

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo se apresente, por vezes, com tendência para chover, principalmente no dia 18.

Conforme as previsões anteriores, notaram-se algumas trovoadas, nas datas indicadas, e subiu a temperatura de 4 a 7.

A própria pressão oscilou, segundo a previsão, descendo até 7 e, depois de subir bruscamente, nesta data, voltou a descer.

Estes trabalhos de metereologia, além de provarem a possibilidade de prever os fenómenos meteorologicos, determinando-lhes as causas, servem para demonstrar um principio de física capaz de nos levar a conhecer a razão de ser dos diferentes fenómenos naturais, evitando graves êrros das actuais concepções da física que prejudicam extraordinàriamente a humanidade em tôdas as modifestações da sua vida.

Isto, embora seja de utilidade geral, parece contrariar os interêsses de alguém que, evitando tratar o assunto dentro do campo da ciência, se ocupa em depreciar, na sombra, os métodos por mim empregados, acusando-os de não assentarem em qualquer base científica.

No entanto, a ciência faz-se com provas incontestáveis e não com palavras feias que, por servirem uma argumentação imprópria, descobrem justamente o que pretendiam encobrir.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos, em Inglaterra, Suiça, Russia, Região do Caucaso, China Oriental, Japão, Brasil e Argentina.

Oscilação provavel de temperatura na Peninsula—Oscilante.

SISMOLOGIA

Datas de maior sensibilidade: de 19 para 20 e em 22.

Setúbal, 12 de Agosto de 1936

A. CARVALHO SERRA

Secção desportiva

Foot-Ball

Enquanto é tempo...

Tudo como dantes... A mesma política dos eternos parasitas do *foot-ball* distrital, a mesma seráfica beatitude dos aveirenses, que não deviam esperar *milagres*, que deviam, sim, fazer milagres combatendo pela causa que nos move, a mesma vontade, por nossa parte, de desmascarar vaidades, de combater certos projectos, de destruir determinados conluios.

Os aveirenses têm o feitio de esperar que o remédio para as suas coisas caía do céu. O resultado é o que se sabe. Eternamente à espera que os seus grupos disputem os campeonatos que devem disputar e eternamente desiludidos, eternamente ludibriados.

Agora, espera-se da Federação o remédio para o mal. Não temos o direito nem possuimos dados que nos habilitem a descrer da entidade máxima do *foot-bal* português. Mas o que nos parece razoavel é ir atacando aqueles que podem intrigar, embrulhar, comprometer tudo. O defezo, dentro em pouco, estará findo. O *associa-tion* retomará a sua actividade, voltará a entusiasmar as multidões.

No Campeonato Distrital que lugar ocuparão os grupos aveirenses? Que nos conste, nada de positivo está resolvido sôbre o assunto. Os aveirenses, como dizemos, também não sentem curiosidade em sabê-lo. Dir-se-ia que, por causa do calor, estão *esbodegados*, não obstante a brisa marítima que constantemente se faz sentir cá na cidade.

Quando tudo estiver perdido, quando tudo for inútil, as lamentações surgirão. Estimamos sinceramente que a sua indiferença, o seu *laisser passer* não tenha o prémio que merece, antes se dê o tal *milagre*.

Não são muitos, é bem verdade, aqueles que sempre se empenharam e empenham em prejudicar o *foot-ball* aveirense. Mas os poucos são de quilate, são de calibre, valem por muitos, não desarmam com facilidade. O veneno, de que aliás vivem rodeados, corre-lhes nas veias com abundância. Afigura-se-nos mesmo que é um caso incuravel, visto o veneno já lhes haver roído os ultimos átomos de sensibilidade.

Emquanto a situação do *foot-ball* aveirense estiver por esclarecer, continuaremos daqui a bradar justiça. Ou tudo entra nos eixos ou cravaremos continuadamente a nossa lança no escudo dos inimigos, escudo que, aliás, é sinónimo da primeira silaba do nome daqueles que só têm atropelado, amesquinhado, atacado o *foot-ball* aveirense e as suas justa aspirações.

Atletismo

A jogar às escondidas...

Depois de termos dedicado algumas palavras ao *foot-ball*, à natação, ao rêmo, não fica mal falarmos do atletismo, desporto do momento, desporto-rei das Olimpíadas.

Nem sempre é grato versar certos desportos, desportos que, como êste, só suscitam censuras a quem os dirige.

Em Aveiro, o atletismo não tem passado duma brincadeira. De longe em longe, alguns rapazes surgem a correr, a saltar, a fazer lançamentos. Mas tudo isso não passa de movimento breve, sem continuidade.

O publico, mercê do que verifica, não acredita no atletismo aveirense, sorri com septismo, com ironia, quando se lhe fala no mais antigo dos desportos.

O *Beira-Mar*, que podia e devia olhar por tão util exercicio, jámais se interessou pelo assunto.

Os *Galitos*, com bastante gente, tambem nunca pensaram, a sério, no atletismo.

O *Internacional*, que tem procurado impulsionar a modalidade, luta com falta de recursos, de rapazes e de dirigentes.

Ainda há semanas se fez, nesta secção, o elogio de um seu elemento. Mas êsse elemento, o grande *salvador*, não chegou a ser visto, não fez a sua aparição.

Serve tudo isto para demonstrar que, em Aveiro, o atletismo não passa, a bem dizer, duma *blague*. Que—falemos claro—*blague*, deliciosa *blague*, é o atletismo nacional.

Aparte Lisboa, Porto e Braga, Portugal inteiro limita-se a brincar ao atletismo. Coimbra, Anadia, Setubal, Aveiro, praticam atletismo de vez em quando, talvez por desfastio... Ora sabendo-se que em atletismo tem de haver continuidade para bons frutos serem colhidos, a ilacção é facil de tirar.

Na nossa terra todas as energias, todas as boas-vontades são canalisadas para o *foot-ball*. Parece que entre aqueles que praticam o desporto, as vocações deviam ser seleccionadas. Rapazes com qualidades para a natação—fariam natação. Homens com qualidades para o atletismo—praticariam atletismo. Elementos com aptidões para o *basket*—entregar-se-iam ao *basket*. Atirar com todos para o *foot-ball* é censurável, é digno de lástima.

Quem tem culpa de apenas o *foot-ball* se praticar mais ou menos a sério em Aveiro, são os dirigentes da nossa terra. Como todos os dirigentes portugueses, pensam apenas no *shoot*.

Uma visita ao CENTRO COMERCIAL DE AVEIRO, L.ª impõe-se.

Aveiro possui rapazes com excelentes qualidades para todos os desportos. Distribuir êsses rapazes pelas modalidades onde mais podem brilhar é, além de bem os dirigir, querer que Aveiro brilhe, saia do rotineirismo do *foot-ball*; é contribuir para o desenvolvimento do desporto português.

O atletismo aveirense tem andado a jogar às escondidas. Torna-se necessário olhar por êle, dar-lhe continuidade, levar rapazes a praticá-lo. O atletismo que têm aparecido até agora—falharam todos.

Aveiro precisa de aparecer a sério para o atletismo sério. A que club aveirense caberá semelhante honra?

Y.

Aos assinantes da Africa

Por especial deferência para com o nosso jornal, um amigo dele, que reside em Lourenço Marques, tomou a seu cargo a cobrança das assinaturas do *Democrata*, tanto naquela cidade como noutras localidades da Africa Oriental. Por êsse motivo rogâmos àqueles a quem os recibos forem apresentados a fineza de os satisfazerem de pronto, o que antecipadamente agradecemos em nome da Administração.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,41 (tram.)	7,56 (tram.) Fig.
5,27 (correio)	9,41 (rápido)[2]
7,15 (tram.)	10,59 (correio)
10,22 (»)	13,23 (tram.) Fig.
12,56 (rápido)	14,03 (sud)
13,43 (tram.)	16,19 (tram.)
16,58 (»)	19,29 (rápido)
17,55 (sud)	21,51 (tram.)
18,30 (correio)	0,31 (correio)
21,09 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19,05 e ás 20,39, que não seguem.
22,28 (rápido)[1]	

[1] Só ás 3.as, 5.as e sábados.
[2] Só ás 2.as, 4.as e 6.as.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,57	8,38
13,45	10,15
17,00	18,21
19,09	22,54

"O Democrata,,

ASSINATURAS
(Pagamento adeantado)

Portugal (ano)	20$00
Semestre	10$00
Colonias (ano)	30$00
Estrangeiro (ano)	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Na 1.ª pagina, linha	1$50
Na 2.ª » »	1$00
Na 3.ª » »	$80

Anuncios permanentes contracto especial